

Sobre o traumático no aparelho psíquico em tempos pandêmicos

Claudia Spieker Azevedo¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor reflexões sobre as repercussões da pandemia de Covid-19 no aparelho psíquico a partir da obra de Freud. A pandemia, situação disruptiva, é uma vivência traumática compartilhada, porém as experiências individuais não podem ser negligenciadas. Seguindo o pensamento de Freud em diferentes momentos da construção de sua teoria, este artigo se propõe a discutir como cada sujeito lida com o desamparo em tempos pandêmicos e quais são os caminhos possíveis para enfrentar essa situação. O estudo da construção do Eu desde o desamparo primordial fundamenta-se no pressuposto de que cada sujeito terá de, a partir de uma história que lhe é específica e singular, construir recursos melhores ou piores de Eu. Enquanto alguns apresentam-se como protagonistas, revelando mais criatividade e recursos para lidar com as adversidades da vida, outros, com um Eu mais frágil e com menos capacidade para enfrentar situações dolorosas, sentem-se paralisados diante de vivências traumáticas. Neste cenário pandêmico, no qual faltam referências simbólicas para tratar a situação com coerência, questiona-se quem poderá ser o agente da ação específica. O espaço da análise é entendido como um lugar de escuta fundamental. Nele, o sujeito pode ser acompanhado por um outro mais experiente, presente no processo de transformação para mitigar o impacto da pulsão de morte quando ela fica precariamente fusionada à pulsão de vida. **Palavras-chave:** Pandemia. Trauma. Desamparo. Ação específica. Aparelho psíquico.

1 Psicanalista em formação, membro provisório do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

1 SOBRE A PANDEMIA

*“Pandemia de corpos enclausurados
desacobertando cárceres internos*

*Em nossos consultórios-tela
nossas telas-casa-mundo,
repensamos nossos espaços*

*Eu-tu, analistando
morro todo dia pelo luto
de poder ser*

*Eu, embriagado em
teu líquido, mãe
- Precisou faltar
para eu poder nascer -*

*E nessa vida que
arranca mas também arremessa,
preciso é o pé na porta, o olho da rua,
do outro da diferença.*

*Pé na porta quando a chave já não serve,
pois o segredo ainda é para poucos.*

*A pulsão/impulsão/implosão
do fundo onde confundo, me fundo
e criativo, sobrevivo re-in-vento”*

(Luciane Slomka)²

De repente, fomos assolados pelo avanço de um vírus em todo o Planeta; fomos arremessados para dentro de nossas casas pelo novo

2 SLOMKA, L. Vim-te. [Poesia apresentada na abertura]. In: JORNADA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE, 22., 2020, Porto Alegre. **Anais** [...].Porto Alegre, [s. n.], 2020.

coronavírus. Uma descontinuidade em nosso modo de viver se impôs abruptamente. Tudo aconteceu muito rápido, uma fratura em nosso cotidiano. Enquanto alguns passaram a viver de maneira solitária, outros passaram a conviver com seus familiares de forma intensa, compartilhando a rotina diária de uma maneira inusitada, marcada por encontros e desencontros. O espaço privado de nossas residências foi invadido pelo espaço público, tornando-se também o lugar de trabalho de muitas pessoas. Uma nova dinâmica de organização do ambiente doméstico se fez necessária, alterando as noções de tempo e modificando o ritmo familiar, tão importante para a nossa organização psíquica. Os períodos de transição – como o deslocamento de casa para o trabalho e o trajeto percorrido para buscar as crianças na escola no final da tarde –, que nos permitiam “mudar a estação”, foram abolidos. Com um clique, finalizamos uma reunião de trabalho e assessoramos nossos filhos nas tarefas escolares; depois, limpamos a casa, cozinhamos, retornamos às atividades profissionais, enfim...

De repente, a ameaça de morte se apresentou sem disfarce, impondo rituais de limpeza. Instalou-se o medo, talvez o pânico, de nos contaminarmos, de pessoas queridas adoecerem, de uma morte solitária, de uma asfixia. O isolamento social imposto à sociedade como alternativa para conter o avanço do vírus provocou um recolhimento narcísico. A proximidade de familiares e amigos, o aconchego de um abraço e a delicadeza de um toque transformaram-se em algo a ser evitado. O outro tornou-se um mensageiro da morte. O terror do contato e o medo da contaminação nos afastaram do que antes nos era tão precioso.

De repente, tivemos de conhecer novas plataformas digitais e diferentes recursos tecnológicos para nos manter conectados com o mundo exterior. A presença das telas no nosso dia a dia tornou-se imperativa, revelando o protagonismo do mundo virtual. Passamos a trabalhar e a “conviver” virtualmente com as pessoas com as quais ficamos privados de nos relacionar presencialmente, buscando garantir, mesmo que a distância, nossos laços afetivos.

De repente, fomos atingidos por uma série de notícias, muitas vezes contraditórias, que, mais do que informarem, intoxicam. Ao disseminar ideias superficiais e distorcidas, essas notícias geram em alguns sujeitos uma postura onipotente em relação ao contexto atual, levando-os a negar a realidade. Ao reduzir a gravidade da situação, elas evitam considerar as diversas variáveis envolvidas na compreensão da atual conjuntura, compreensão essa dependente de dados científicos que ainda são preliminares. Diante da força pouco conhecida do vírus, essa atitude negacionista faz com que muitas pessoas se coloquem em situação de risco e desconsiderem também a sua responsabilidade com o cuidado do outro.

De repente, a nossa ilusão de futuro foi roubada. Quantos sonhos foram adiados? Quantos projetos tiveram de ser abandonados: viagens, início de um novo empreendimento, casamentos, entre outros tantos planos? Atréadas a isso, várias questões passaram a nos assombrar: como fica a economia, o mercado de trabalho, a subsistência das famílias? Qual é o impacto da tragédia que estamos vivendo nos valores da nossa sociedade? A pandemia se apresentou como uma catástrofe reveladora das desigualdades sociais, das dificuldades dos sistemas de saúde e da insuficiente prioridade que as fragilidades das nações têm para alguns governos.

De repente, percebemos, em algumas situações, a pandemia equiparando-se a uma guerra. Porém, Harari (2020) enfatiza: na guerra, temos um inimigo, um ser humano que deve ser eliminado, enquanto o que está em questão neste momento é o cuidado com as pessoas. Talvez, na atual conjuntura, mais do que o medo do próprio vírus, sejam os nossos demônios internos acentuados que estão nos angustiando.

Enfim, quanta intensidade! Diante dessa vivência disruptiva, buscamos alternativas de enfrentamento. Sabemos que toda nova experiência precisa de tempo e trabalho psíquico para ser elaborada. Como alerta Freud (1927, p. 233-234), em geral as pessoas “[...] vivem o seu presente de maneira ingênua, sem poder apreciar o seu conteúdo; eles precisam

primeiro tomar distância dele, isto é, o presente precisa ser tornado passado para fornecer pontos de apoio para julgar o que está por vir”.

Necessitamos, então, de cautela para não tomar atitudes precipitadas na busca de soluções rápidas, isto é, para não agir de forma superficial, armadilha tão característica da sociedade contemporânea. Não podemos negligenciar a complexidade da situação que vivemos criando atalhos para encontrar respostas prematuras, pois a compreensão mais profunda, como Freud bem ressaltou, precisa ser lapidada, o que requer também um distanciamento temporal. Assim, talvez o que possamos fazer neste momento seja levantar algumas questões para serem analisadas e iniciar a escrita de uma narrativa que possibilite, gradativamente, um entendimento mais abrangente do que estamos vivendo e das possíveis repercussões que essa situação terá no futuro.

2 SOBRE TRAUMAS

*“Eu, embriagado em
teu líquido, mãe
- Precizou faltar
para eu poder nascer”*

(Luciane Slomka)

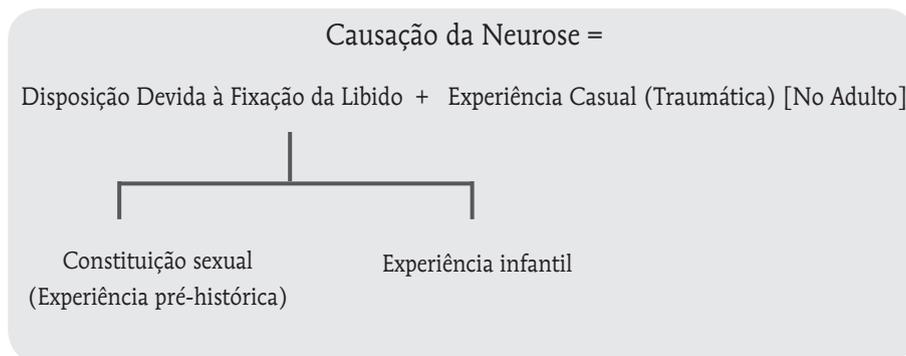
Diante desses *repentes*, são muitas perguntas que nos ocorrem, mas destacaremos as mais pulsantes no momento: qual é o impacto em nosso aparelho psíquico dos excessos que se apresentaram de modo onipresente em nossas vidas? Como a pandemia nos afetou? Podemos entender essa vivência atual como traumática?

Antes de nos precipitarmos para respondê-las, propomos mais uma interrogação: afinal, o que é um trauma psíquico? “Trauma” é uma palavra de origem grega que significa ferida, um traumatismo causado no organismo por uma violência externa. De acordo com Laplanche e Pontalis (1983, p. 678), o trauma é definido

[...] pela sua intensidade, pela incapacidade em que se acha o indivíduo de lhe responder de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. Em termos econômicos, o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações que é excessivo, relativamente à tolerância do indivíduo e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente estas excitações.

Percorrendo a obra de Freud, verificamos que, em uma de suas cartas a Fliess (1897), ele afirma que o mundo pulsional e fantasmático, atrelado às vivências individuais, é um elemento importante para o entendimento do trauma no psiquismo. Posteriormente, nas *Conferências introdutórias*, proferidas em 1917, ele apresenta o conceito de séries complementares; por meio de um diagrama, explicita os fatores que causam a neurose:

Figura 1 – Fatores que causam a neurose



Fonte: Freud (1917b, p. 423).

Esse esquema nos interessa porque ele mostra que, na constituição de uma doença neurótica, estão presentes dois fatores – a constituição sexual e a experiência infantil ou a fixação da libido e a frustração –,

sendo que, quando um dos fatores é mais forte, o outro é menos intenso. Logo, fica claro que ser mais ou menos afetado por uma situação traumática depende não só de uma conjunção de fatores, mas também do *quantum* com que cada elemento se apresenta.

De acordo com Freud (1917a), em um dos limites da série estão aqueles sujeitos que, em função da singularidade do desenvolvimento de sua libido, teriam adoecido independentemente de suas experiências, mesmo que tivessem suas vidas mais protegidas. Já no outro limite estão aquelas pessoas que teriam escapado de adoecer caso determinado acontecimento marcante não ocorresse.

Então, se partimos do pressuposto de que a pandemia se impôs à sociedade como um todo, podemos pensar — a partir do diagrama das séries complementares — que os efeitos naqueles sujeitos que adoeceriam independentemente dos acontecimentos do mundo externo são mais significativos do que os efeitos naqueles para os quais o fator externo é preponderante na causação da neurose? Apresentamos essa questão considerando o seguinte fundamento: pelas particularidades do desenvolvimento de sua libido, os sujeitos pertencentes à primeira categoria, segundo Freud (1917a), já teriam uma predisposição para o adoecimento, assim, quando invadidos por uma quantidade excessiva de elementos vindos do exterior, teriam *mais* um fator para incrementar o seu sofrimento psíquico.

Mas sigamos acompanhando as ideias de Freud. É importante destacar que as conferências de 1917 foram produzidas em meio à Primeira Guerra Mundial, na qual muitos combatentes perderam suas vidas. Possivelmente, esses acontecimentos impulsionaram Freud a buscar uma compreensão das consequências da situação traumática na vida psíquica dos indivíduos que sobreviveram aos horrores desse período.

Ao voltar mais tarde seu interesse às neuroses de guerra — nas quais os sintomas observados resultavam em uma fixação na situação traumática vivenciada —, ele destaca a importância do fator econômico. Os oponentes da psicanálise, que questionavam o fator sexual na etiologia

das neuroses, aproveitaram tal situação para demonstrar a fragilidade da teoria nesse aspecto. Freud (1919, p. 260-261, grifo do autor), contudo, ressaltou que havia uma confusão, uma crítica inconsistente: “Se a investigação das neuroses de guerra (e uma investigação muito superficial) *não demonstrou* que a teoria sexual das neuroses é *correta*, isto é algo muito diferente de *mostrar* que aquela teoria é *incorreta*”.

Para o autor, as neuroses de guerra equivaleriam – como as neuroses traumáticas que ocorrem em tempo de paz, as quais são decorrentes de uma vivência disruptiva – a um acidente grave ou uma experiência amedrontadora. Porém, em ambas as situações, os fatores internos também colaboram para o efeito traumático.

Nas neuroses traumáticas e de guerra, o ego humano defende-se de um perigo que o ameaça de fora ou que está incorporado a uma forma assumida pelo próprio ego. Nas neuroses de transferência, em tempos de paz, o inimigo do qual o ego se defende é, na verdade, a libido, cujas exigências lhe parecem ameaçadoras. Em ambos os casos, o ego tem medo de ser prejudicado – no segundo caso, pela libido e, no primeiro, pela violência externa (FREUD, 1919, p. 262-263).

Podemos, então, começar a responder às questões sobre o impacto, em nosso aparelho psíquico, dos excessos que se impuseram de maneira onipresente em nossas vidas. Com base nas ideias de Freud revisitadas até aqui, entendemos que o traumático é marcado por um excesso que vem do mundo exterior: tal excesso invade o aparelho psíquico e o Eu não consegue lidar com ele naquele período de sua vida. Dessa forma, a pandemia, que se impôs de maneira inesperada e abrupta à nossa sociedade, pode ser entendida como um trauma no qual o fator econômico prepondera. Uma intensidade vinda do mundo exterior, algo da ordem do imponderável, maior do que a nossa capacidade de dominá-la e elaborá-la, a pandemia alojou-se como um

corpo estranho em nosso psiquismo, independentemente dos recursos internos construídos ao longo de nossas vidas.

Da mesma forma, o coronavírus, esse microrganismo invisível, alojou-se no interior do corpo de milhares de indivíduos, causando efeitos de diferentes gravidades com consequências ainda pouco conhecidas pelos cientistas. Não poderíamos, então, deixar de considerar que, como ainda estamos imersos neste cenário pandêmico, os efeitos subjetivos da atual conjuntura também são uma incógnita a ser paulatinamente decifrada e significada. Mesmo que o vírus não tenha infectado todos os corpos, ele atingiu a todos, denunciando o despreparo do Eu diante do desconhecido.

Avançando um pouco mais na obra freudiana, encontramos no texto de 1920 considerações teóricas importantes que subsidiam o nosso entendimento da pandemia como uma vivência traumática. Apesar de centenário, o texto *Além do princípio do prazer* apresenta-se extremamente atual, revelando a tendência à destrutividade do ser humano desde os primeiros tempos do seu desenvolvimento. Nesse escrito, Freud (1920) retoma a ideia de que há um escudo contra os estímulos provenientes do mundo externo, já explicitada em seu trabalho *O projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]).

Em 1920, Freud utiliza a metáfora de uma vesícula viva de um organismo em sua forma mais simples para abordar a importância do escudo protetor, uma membrana especial diferenciada das camadas mais internas que se mostra resistente aos estímulos do mundo externo. Essa membrana funciona como uma barreira, permitindo que a energia proveniente do exterior a ultrapasse somente com uma parcela de sua intensidade original, atingindo as camadas subjacentes que permanecem vivas e que, assim, podem se dedicar à recepção dos estímulos que penetraram. No caso dos organismos altamente desenvolvidos, são os órgãos dos sentidos que atuam como receptores do que vem do exterior, mas eles também agem como escudos contra quantidades excessivas.

Contudo, além dos estímulos externos, esses organismos recebem excitações do interior e, para elas, não possuem uma proteção, ou seja, elas atingem o sistema diretamente, sem uma redução de sua intensidade, dando “origem a sentimentos da série prazer-desprazer” (FREUD, 1920, p. 44). Um aumento da quantidade de energia interna causa desprazer, o que faz com que o sistema utilize como mecanismo de defesa a projeção, tratando essa excitação vinda do interior como se ela viesse de fora, o que revela a dominância do princípio do prazer.

Porém, os sonhos típicos das neuroses traumáticas, que revelam a repetição da situação traumática, colocam em xeque a primazia do princípio do prazer no funcionamento do aparelho psíquico. Neles, o que se repete é algo de que o psiquismo não consegue dar conta. Freud (1920, p. 48) sente-se, então, convocado a rever a tese dos sonhos como realização de desejo, supondo que, na situação traumática, eles “[...] estão ajudando a executar outra tarefa, a qual deve ser realizada antes que a dominância do princípio do prazer possa mesmo começar”. Nessas neuroses, ocorre uma ruptura no escudo protetor contra os estímulos externos, o que gera consequências significativas no funcionamento do aparelho psíquico.

Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio do prazer é momentaneamente posto fora de ação. [...] outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulos que irromperam, e de vinculá-las, no sentido psíquico, a fim de que delas se possa, então, desvencilhar (FREUD, 1920, p. 45).

Esse rompimento sobrevém em consequência da quantidade excessiva de excitações provenientes de fora, que provocam um fluxo contínuo, característica marcante do que vem de dentro. A violência desse

impacto, em função do montante de energia, impossibilita que esta se ligue psiquicamente. O sistema, nessa situação, encontra-se despreparado, ou seja, não há uma hipercatexia dos sistemas receptivos para atuar como defesa contra a magnitude de excitações que se apresenta.

Além de perceber a repetição de uma situação desprazerosa nos sonhos traumáticos, Freud (1920) também a identifica ao observar a brincadeira do *fort-da* realizada por seu neto na ausência da mãe, com a qual tinha uma forte ligação. Ao simular a circunstância vivenciada passivamente, o menino procurava elaborá-la de forma ativa. O jogo consistia em arremessar um carretel para longe de seu berço — emitindo com satisfação um longo “o-o-o” que, segundo o autor, representava a palavra alemã *fort* —, fazendo-o desaparecer atrás da cortina. Logo em seguida, a criança puxava o carretel de volta e saudava o seu reaparecimento com alegria, verbalizando *da*. Assim, fazia o objeto desaparecer e depois trazia-o de volta.

Com base em suas constatações — segundo as quais não há predominância do princípio do prazer, e sim compulsão à repetição —, Freud reformula a sua teoria pulsional. Com a virada de 1920, o dualismo entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais é substituído por uma nova dualidade: as pulsões de vida e de morte. A pulsão de morte é definida por Freud (1920) como algo mais primitivo do que o princípio do prazer: uma tendência, inerente a todo ser vivo, de retornar ao estado inorgânico. Assim, Freud localiza a tendência à destruição no primeiro plano da vida psíquica do sujeito. Essa pulsão remete ao caos e à desordem; por meio de um trabalho silencioso, seu objetivo é conduzir o sujeito à morte. A pulsão de vida, ao contrário, busca ligar o que se encontra disperso no interior do aparelho em unidades cada vez maiores a fim de prolongar a vida. Ao retomar essa nova dualidade pulsional no texto *Dois verbetes de enciclopédia*, Freud (1922, p. 312) afirma:

Os instintos eróticos e os instintos de morte estariam presentes nos seres vivos em misturas ou fusões regulares, mas “desfusões” também estariam

sujeitas a ocorrer. A vida consistiria nas manifestações do conflito ou na interação entre as duas classes de instintos: a morte significaria a vitória dos instintos destrutivos, mas a reprodução representaria para ele a vitória de *Eros*.

Reafirmamos, então, que a pandemia — assim como as diversas mudanças na vida dos sujeitos elencadas anteriormente — foi um evento inesperado e intenso, produzindo, por isso, uma fratura, uma descontinuidade em nossa história. Ela rompeu o escudo protetor contra os estímulos que vêm de fora, inundou o aparelho psíquico e provocou um caos, atuando de forma contínua, característica marcante dos estímulos internos. Isto é, o que veio do exterior, devido à sua magnitude, adquiriu o mesmo *status* do movimento contínuo da pulsão. A pandemia impossibilitou o Eu de dominar essa quantidade excessiva de estímulos e, deixando-o à mercê das pulsões, apresentou-se como uma situação traumática.

Podemos acrescentar que essa intensidade não atingiu de forma isolada um indivíduo ou um grupo de pessoas: ela se impôs de forma generalizada, afetando a quase totalidade das pessoas nas diferentes partes do mundo. Propomos, então, definir a pandemia como uma vivência traumática *compartilhada*, mesmo considerando as particularidades de suas repercussões na vida de cada indivíduo.

3 SOBRE CAMINHOS

*“E nessa vida que
Arranca, mas também arremessa,
preciso é o pé na porta, o olho da rua,
do outro da diferença.”*

(Luciane Slomka)

Antes de prosseguirmos, temos que fazer algumas considerações. Iniciamos este trabalho pensando no impacto da pandemia de modo

generalizado e ressaltando a intensidade dessa vivência, que causou uma mudança abrupta no cotidiano, convocando a uma transformação radical. Porém, em primeiro lugar é preciso destacar que, apesar do caráter inesperado dessa situação para a sociedade como um todo, o vírus não atingiu as pessoas do mesmo modo. Se partirmos da realidade concreta, verificaremos diferenças significativas, por exemplo, no que se refere à intensidade do contágio e ao preparo do sistema de saúde para atender à demanda de pacientes. Enquanto em alguns lugares as pessoas morreram sem ter acesso a um tratamento adequado, tendo seus corpos empilhados e não podendo ser veladas por seus familiares, em outros locais o cenário não foi tão aterrorizante.

As repercussões no âmbito da economia e as consequências do isolamento também apresentaram discrepâncias. Muitos perderam empregos ou precisaram fechar as portas de suas empresas, enquanto outros tiveram seus negócios alavancados. Do mesmo modo, o distanciamento social, se por um lado deixou muitas pessoas impossibilitadas de conviver com familiares e amigos próximos ou desvelou conflitos decorrentes de um convívio intenso, por outro lado possibilitou que alguns se aproximassem de seus filhos e cônjuges, vivenciando um cotidiano doméstico nunca experimentado antes.

Em segundo lugar, considerando o trajeto percorrido pela obra freudiana — portanto, uma realidade mais subjetiva —, verificamos que o que é da ordem de um excesso, isto é, aquilo que o sujeito não consegue metabolizar em dado momento de sua vida e que remete a um sentimento de desamparo, é algo muito singular. Dessa forma, pensamos que um discurso mais generalizado sobre o efeito traumático da pandemia precisa ser analisado com cuidado, devido à sua complexidade. Certamente a pandemia é uma vivência traumática compartilhada grave e séria, mas, para além disso, acreditamos que as especificidades das experiências individuais não podem ser negligenciadas.

Assim, propomos outras questões como fio condutor para a continuidade deste trabalho: como cada sujeito lida com o desamparo

nestes tempos pandêmicos? Quais são os caminhos possíveis para enfrentar essa situação?

Continuaremos, então, buscando em Freud o suporte teórico para tecer alguns comentários a partir dessas questões. Em *O projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]), o autor enfatiza que, ao perceber um aumento de tensão interna que gera desprazer, o bebê busca a descarga motora por meio do choro ou da agitação. Porém, essa forma de descarga não produz alívio, pois o estímulo interno continua agindo. O aplacamento do desamparo decorrente dessa pressão requer uma modificação advinda do mundo exterior para que a fome, por exemplo, seja saciada. Acontece que o bebê ainda não é capaz de realizar a *ação específica* para eliminar o desprazer que está sentindo. Portanto, ele precisa que alguém mais experiente lhe forneça o alimento e, assim, suprima a tensão, dando lugar à *vivência de satisfação*.

Quando o bebê se defronta novamente com uma sensação de desconforto, ele recorre à *vivência de satisfação* já experimentada, de forma alucinatória, até que a sua necessidade seja outra vez atendida. Porém, a resposta vinda do mundo externo pode demorar ou não ser satisfatória, o que remete o bebê a um renovado estado de desamparo. Esse mesmo estado é experimentado quando o adulto cuidador é extremamente intrusivo, não respeita o tempo do bebê e antecipa, a partir de sua própria necessidade, uma demanda não anunciada.

Se vemos que o desamparo vivenciado pelo bebê em decorrência de um aumento de tensão no interior de seu aparelho psíquico pode não encontrar alívio devido ao excesso ou à falta de disponibilidade do agente responsável pela *ação específica*, podemos indagar: como se sente o sujeito pandêmico neste período marcado ao mesmo tempo por excessos e faltas? De um lado, estão os excessos relativos ao convívio intenso com os familiares que moram na mesma casa, aos rituais de limpeza, ao protagonismo do virtual, à avalanche de más notícias, aos números alarmantes que só crescem, ao imperativo da morte. Do outro lado, está a falta de leitos para o tratamento dos pacientes, de

aparato de proteção para as equipes hospitalares, de profissionais capacitados para trabalhar nas unidades de terapia intensiva (UTIs), de recursos financeiros para garantir o sustento, de uma vida social, da rotina organizadora do cotidiano que existia anteriormente, de momentos de transição entre as diversas demandas etc. Quais são as ressonâncias dessas polaridades no interior do aparelho psíquico?

Acreditamos que, ainda que a sensação de desamparo ou de desintegração psíquica tenha sido provocada por uma situação traumática — no caso deste trabalho, a pandemia —, essa vivência disruptiva remete ao desamparo primordial, originário, quando o bebê dependia do outro para tudo. Dito de outro modo, a pandemia que vivemos coloca-nos diretamente em contato com um fato que logramos, no mais das vezes, negar ou driblar: no fim das contas, somos mais vulneráveis do que gostaríamos.

Se observamos o panorama atual, encontramos distintas posturas de enfrentamento à pandemia. Enquanto alguns indivíduos sentem-se mais angustiados, assolados pela magnitude da situação, adoecendo ao constatar o presente cenário, outros conseguem criar diferentes estratégias para enfrentá-lo, resignificando aspectos diversos de sua vida — por exemplo, redirecionando seus caminhos profissionais e buscando alternativas para uma transformação.³

Recorreremos a outro texto, *O eu e o id*, escrito em 1923, no qual Freud propõe uma nova estrutura para o aparelho psíquico, a fim de compreender os caminhos que cada pessoa toma, conforme o processo de constituição do Eu, em seu desenvolvimento. Nos primórdios de seu trabalho, Freud desenvolveu um modelo topográfico no qual o aparelho era dividido em inconsciente, pré-consciente e consciente. Nesse período, o Eu, com suas diferentes funções, achava-se ligado à consciência. Porém, a partir do trabalho clínico, o autor identificou

³ A apresentação dessas diferentes atitudes dos indivíduos, que não esgotam a diversidade de comportamentos observáveis, não tem como objetivo a criação de categorias, o que iria na contramão da essência da psicanálise. O que buscamos é explicitar algumas condutas a fim de pensar teoricamente o que subsidia a escolha inconsciente desses variados caminhos.

que o próprio Eu possui uma parte inconsciente, o que o incentivou a ampliar o seu modelo para explicar o psiquismo. Propôs, então, um modelo estrutural com uma nova divisão em três instâncias: o Id, o Eu e o Supereu. Esse novo modelo, conhecido como “segunda tópica”, não exclui o anterior; na realidade, é complementar ao primeiro, na medida em que explica o funcionamento psíquico de uma nova perspectiva.

No modelo estrutural, Freud (1923) descreve a consciência como a superfície do aparelho, que recebe tanto as percepções que vêm de fora, as percepções sensoriais, quanto as que vêm de dentro, tais como os sentimentos e as emoções, localizados nos estratos mais profundos do aparelho mental. A novidade desse texto, como já dissemos, é que parte do Eu não está ligada à consciência. Freud (1923) toma emprestada de Georg Groddeck a noção de Id, instância regida pelo princípio do prazer. O Eu repousa sobre o Id, ou seja, não há uma separação nítida entre essas duas instâncias; ele se desenvolve a partir do núcleo do Id, no sistema perceptivo. Isto é, o Eu é uma parte do Id que foi modificada gradativamente a partir das influências diretas do mundo externo. O Eu assume funções importantes de forma paulatina. Uma dessas funções é o estabelecimento de uma ordem temporal para os processos mentais, submetendo-os ao teste da realidade, o que se deve à relação do Eu com o sistema perceptivo. Além disso, ele adia a descarga motora, por meio do processo de pensamento, e possui o controle da motilidade.

O Id, por sua vez, “denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante” (FREUD, 1933, p. 94). Nessa instância, a lógica que sustenta o pensamento não existe; impulsos contraditórios convivem um ao lado do outro; quando muito, estabelecem uma conciliação e, sob o domínio do fator econômico, visam à descarga. Como não possui comunicação direta com o que vem de fora, o Id tem o Eu como seu intermediário, que busca substituir o princípio do prazer, o qual rege essa instância, pelo princípio da realidade.

Para explicar a relação do Eu com o Id, Freud (1923) utiliza como metáfora a relação do cavaleiro com o cavalo. O cavaleiro, assim como o Eu, tenta controlar a força do cavalo, que representa o Id. A diferença é que, enquanto o cavaleiro utiliza a sua própria força, o Eu a toma emprestada do Id. A partir dessa nova perspectiva de entendimento do psiquismo, Freud (1923) afirma que o Eu precisa manter um equilíbrio entre as diferentes exigências que recebe do Id, do Supereu e da realidade externa. Os conflitos inconscientes entre essas diferentes instâncias têm um impacto importante e duradouro na formação da personalidade.

Reconhecemos, assim, que cada sujeito terá, a partir de uma história que lhe é específica e singular, a constituição de recursos melhores ou piores de Eu. Enquanto alguns apresentam-se como protagonistas, revelando mais recursos para lidar com as adversidades da vida, outros, com um Eu mais frágil e com menos capacidade de enfrentar situações dolorosas, sentem-se paralisados diante de uma vivência traumática.

4 SOBRE TRANSFORMAÇÕES

*“A pulsão/impulsão/implosão
do fundo onde confundo, me fundo
e criativo, sobrevivo re-in-vento”*

(Luciane Slomka)

Poderíamos perguntar: o sujeito pandêmico que encontrou caminhos criativos para dar conta dos excessos do traumático que vivemos — que resignificou, por exemplo, a sua vida profissional, que encontrou modos de se manter vinculado àqueles com quem não podia mais encontrar-se presencialmente, que descobriu possibilidades em meio aos impedimentos — não teve o seu escudo protetor rompido? Ou ele teve o seu escudo protetor rompido, mas, por possuir um Eu com mais recursos, encontrou novas trilhas, *vias colaterais*, para garantir

um escoamento com maior complexificação, ligar o que foi desligado e representar o desconhecido que irrompeu dentro do aparelho de forma abrupta? Se, como já mencionamos, entendemos a pandemia, que se apresentou de maneira súbita e imperativa, como algo da ordem do imponderável, ou seja, como uma vivência traumática compartilhada, pensamos que mesmo as pessoas que foram capazes de encontrar saídas tiveram o seu escudo protetor rompido.

Ao citar o texto *O projeto para uma psicologia científica*, no qual Freud (1950 [1895]) nos apresenta uma explicação sobre a constituição do aparelho psíquico, destacamos a importância da *experiência de satisfação* vivenciada pelo bebê a partir da *ação específica* realizada por alguém mais experiente que produz um alívio da tensão interna. Se, para dar conta da sensação de desamparo diante de uma intensidade com a qual não sabe lidar, o bebê necessita de um outro — que é o agente da ação específica —, quem seria esse outro no momento atual?

Para organizar o caos que se instalou no interior do aparelho e que provocou o desligamento das pulsões nesta pandemia, o Eu de cada um também necessita de um outro mais experiente. Na presente situação, contudo, as pessoas mais próximas com as quais contávamos — e com quem, em diferentes circunstâncias, compartilhávamos nossas dores, nossas ambivalências e nossas angústias — também estão imersas neste cenário desordenado, dificultando e/ou quase impossibilitando o aconchego e o acolhimento.

No entanto, talvez possamos considerar que as condições do Eu construídas ao longo da vida desempenham um papel tão importante quanto o desse agente mais experiente. Como isso se daria?

No decorrer de seu desenvolvimento, o bebê também vivencia experiências de dor. De acordo com Freud (1950 [1895]), a experiência de dor é disruptiva, mas põe o aparelho psíquico a trabalhar. Ao evitar o caminho da dor, o bebê busca outras vias para o alívio da tensão. Enquanto na experiência da satisfação ele recorre a uma via

já conhecida, com um maior *trilhamento*, a vivência da dor impulsiona a busca de *vias colaterais*, o que favorece a abertura de trilhas ainda não percorridas, que deixam marcas e aumentam os recursos do aparelho.⁴

Avancemos mais um pouco na teoria freudiana. Em seu texto *Escritores criativos e devaneio*, Freud (1908) pergunta-se de onde provém o material produzido pelos escritores que tanto nos encantam. Como os próprios escritores não fornecem uma explicação, ele faz uma analogia com o brincar das crianças buscando uma compreensão da fonte de inspiração. Para Freud, enquanto a criança brinca, ela leva a sério a sua atividade e despende muita energia para isso. As suas fantasias são representadas nas brincadeiras de forma espontânea; a criança não procura se esconder quando se entrega aos seus enredos e representa diferentes situações de sua vida. Ao mesmo tempo, porém, distingue o que é da ordem da realidade do que é fruto de sua imaginação. Já os adultos envergonham-se de suas fantasias e procuram ocultá-las. Se os escritores simplesmente revelassem suas fantasias, isso poderia causar repulsa ou talvez indiferença. Segundo Freud (1908), ao suavizarem os seus devaneios egoístas apresentando-os de modo disfarçado, os escritores encantam o leitor e proporcionam prazer pelo caráter estético de sua narrativa.

Diante dessas considerações, arriscamo-nos a propor que os sujeitos que não privilegiaram a via curta — aquela que visa à descarga imediata do aumento de tensão no interior do aparelho psíquico — construíram, ao longo de suas vidas, um aparato psíquico com uma diversidade de caminhos, proporcionando ao Eu uma rede maior de alternativas para lidar com vivências traumáticas. Assim, perante a experiência de dor da pandemia, esses sujeitos buscaram vias alternativas e mais complexificadas, novas trilhas a serem percorridas.

4 É importante lembrar que, para que essa experiência de dor funcione como uma alavanca capaz de colocar o aparato mental para trabalhar, o bebê precisa ter vivenciado a experiência de satisfação diversas vezes. Além disso, essa dor não pode ser de uma magnitude tal que provoque o rompimento do aparelho.

Além disso, podemos supor que aqueles que se sentem mais livres para deixar fluir as suas próprias fantasias buscam o caminho da transformação quando se deparam com a situação traumática, não se paralisando diante dela. Eles podem, por exemplo, dar vazão à sua capacidade imaginativa. Freud (1908, p. 158) enfatiza que a obra literária nos proporciona uma real satisfação pois permite “[...] uma liberação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devido à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem autoacusações ou vergonha”.

Podemos pensar então que, ao nos deixarmos envolver pelos enredos com os quais os escritores criativos nos presenteiam, que nos levam a visitar diferentes tempos e lugares, abrem-se as portas para nos deleitarmos com os nossos próprios devaneios e, assim, vislumbrarmos mais caminhos a serem percorridos.

5 SOBRE O QUE DESACOBERTA VINDO DE FORA

*“Pandemia de corpos enclausurados
desacobertando cárceres internos”*

(Luciane Slomka)

Para seguir avançando na obra freudiana em busca de suporte teórico para compreender aqueles que apresentam um sofrimento e uma paralisia diante da pandemia, retomemos alguns pontos: observamos que, nas neuroses traumáticas e de guerra (FREUD, 1919), o Eu tem medo de ser prejudicado pelo que vem de fora. Ainda em relação ao que acomete o sujeito de fora, voltemos às ideias sobre a constituição do Eu, apresentadas por Freud em 1923. O processo de diferenciação do Eu ocorre a partir das exigências do mundo externo, isto é, o seu processo de constituição como uma instância mais independente do Id se dá de forma paulatina. Porém, mesmo com essa diferenciação

gradativa, o Id continua demandando do Eu a satisfação pulsional, o que gera diversos conflitos.

Já em 1940, no texto *Esboço de psicanálise*, Freud ressalta que o Eu pode ser prejudicado por uma intensidade pulsional excessiva, da mesma maneira que quando provocado por um estímulo externo de grande magnitude. Essa intensidade vinda do interior não tem a capacidade de destruir o Eu, mas pode desorganizá-lo dinamicamente e transformá-lo novamente em uma parte do Id. Assim, propomos a seguinte questão: quando o Eu vivencia uma experiência traumática na qual é invadido por uma quantidade externa de estímulo que rompe as suas barreiras, inunda o seu aparelho psíquico e com a qual não é capaz de lidar, não estaria também ameaçado de retroceder a um estado anterior de menor diferenciação do Id?

Além disso, é importante destacar que, quando o Eu é invadido por essa quantidade de estímulo de grande magnitude que o atinge como um raio, tal estímulo externo atua de forma constante, adquirindo assim uma característica própria das exigências pulsionais. O Eu, nessa circunstância, não estaria predisposto a um retorno à instância que o originou? Arriscamos propor que isso pode ocorrer. Se, por um lado, a partir das exigências vindas do exterior, o Eu se diferencia gradativamente do Id, por outro, quando o escudo protetor é rompido, pode ocorrer um retrocesso, isto é, um retorno do Eu a um estado anterior, menos diferenciado do Id, intensificando o caos no interior do aparelho quando ele é invadido por uma intensidade decorrente de um perigo desconhecido.

Em *Inibições, sintomas e angústia*, Freud (1926, p. 174) define a angústia como uma “reação ao perigo”. Ao estabelecer a diferença entre a angústia realística e a angústia neurótica, o autor afirma que a primeira diz respeito a um perigo conhecido, enquanto a segunda se refere a um perigo desconhecido, um perigo pulsional. Esses dois tipos de angústia — a realística e a neurótica — podem se apresentar

de forma combinada: o perigo é conhecido e real, porém a angústia mostra-se exagerada e desproporcional ao acontecimento. Nesse caso, o perigo real que se apresenta se liga a um perigo pulsional que não é conhecido. Ao se perguntar sobre a essência e o sentido dessa situação de perigo, Freud (1926, p. 191) afirma: “[...] ela consiste na estimativa do paciente quanto à sua própria força em comparação com a magnitude do perigo e no seu reconhecimento de desamparo em face desse perigo – desamparo físico se o perigo for real e desamparo psíquico se for instintual”.

Verificamos, assim, que o Eu pode utilizar a angústia para se defender tanto de um perigo externo quanto de um perigo pulsional. No segundo caso, como resultado dessa atitude de defesa, verificamos uma neurose – fruto do que Freud (1926) denomina um *defeito* no aparelho psíquico – quando a demanda pulsional é tomada como um perigo interno, pois a sua satisfação representa um perigo no mundo externo. O perigo externo, por sua vez, também se torna interno quando encontra dentro do sujeito algo relacionado com uma situação de desamparo já vivenciada.

Em relação à situação traumática, na qual o paciente está desamparado, convergem perigos externos e internos, perigos reais e exigências instintuais. Quer o ego esteja sofrendo de uma dor que não para ou experimentando um acúmulo de necessidades instintuais que não podem obter satisfação, a situação econômica é a mesma, e o desamparo motor do ego encontra expressão no desamparo psíquico (FREUD, 1926, p. 193).

Outra discriminação que Freud (1926) faz da angústia refere-se à angústia sinal – própria da neurose, que sinaliza ao Eu a aproximação do perigo e a necessidade de erigirem-se defesas – e à angústia automática – que é, segundo o autor, a expressão mais pura da pulsão de

morte e que, longe de ser um recurso do Eu, é consequência justamente daquilo que ele não pôde processar.

A pandemia provocou uma fratura nas representações com as quais organizávamos a nossa vida, fratura essa que ultrapassou a nossa capacidade de processamento. Sabemos, por meio de registros históricos, que a humanidade já foi acometida por diversas pestes ao longo dos séculos. A última pandemia, ocorrida em 1918, conhecida como gripe espanhola, provocou diversas mortes, mas hoje vivem apenas poucos indivíduos que, no início de sua infância, vivenciaram essa conjuntura. Logo, a quase totalidade da população mundial não tem recordação própria de uma vivência dessa espécie. Assim, não temos uma representação simbólica para essa situação traumática, daí a interrupção da angústia automática.

Em 1933, ao retomar o tema da angústia nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud defende que a ocorrência de uma situação traumática é determinante para deflagrar a angústia automática, que remete a um estado de desamparo diante do aumento de excitações, advindas de dentro ou de fora, com as quais o Eu não sabe lidar. O que é da ordem do traumático é próprio do humano, assumindo contornos singulares para cada sujeito em cada período de sua vida.

A pandemia, que impôs o isolamento social, a proximidade da própria morte, o enfrentamento da perda de entes queridos, a impossibilidade de rituais culturais e simbólicos fundamentais no trabalho de luto, entre tantas outras condições, remete o sujeito a um estado de aniquilamento. Nessa situação, além de recorrer a um *outro*, cada sujeito pode recorrer aos recursos do seu próprio Eu que foram desenvolvidos ao longo da vida. Mas o que ocorre quando o Eu não tem recursos para lidar com essa intensidade de estímulos, quando se sente assolado ou paralisado? O que fazer? Como lidar com esse estado de desamparo?

6 SOBRE A CLÍNICA

*“Em nossos consultórios-tela
nossas telas-casa-mundo,
repensamos nossos espaços*

*Eu-tu, analistando
morro todo dia pelo luto
de poder ser”*

(Luciane Slomka)

Neste cenário pandêmico, no qual faltam referências simbólicas para tratar a situação com coerência, o aparelho psíquico encontra-se em desordem, com sua capacidade de ligação avariada e à mercê da pulsão de morte. Por isso, há momentos em que não é possível contar somente com os nossos iguais e em que os nossos recursos internos não são suficientes. Então, indagamos: nesses momentos, quem poderá ser o agente da ação específica? O sujeito necessitará de um lugar de escuta no qual possa ser acompanhado por um outro mais experiente, o qual precisa estar presente no processo de transformação para mitigar o impacto da pulsão de morte quando ela fica precariamente fusionada à pulsão de vida. Se esse será o espaço da análise, qual será o papel do analista nesse contexto?

No texto *Construções na análise*, Freud (1937, p. 367) afirma que o trabalho analítico

[...] transcorre em dois palcos diferentes, [...] acontece em duas pessoas, e a cada uma delas é atribuída uma tarefa diferente. [...] o analisando deverá ser levado a se recordar de algo que ele vivenciou e recalcou. [...] o analista não vivenciou nem recalcou nada; não pode ser a sua tarefa lembrar algo. [...] ele terá que construir o esquecido.

Freud (1937) estabelece um paralelo entre o trabalho de construção do analista e o do arqueólogo. O segundo ergue as paredes a partir de vestígios encontrados ao escavar uma moradia que foi soterrada, reconstitui pinturas a partir de restos e constrói as colunas seguindo as depressões. Já o primeiro infere as experiências passadas a partir da fala associativa do analisando, dos extratos de lembranças. Porém, Freud (1937) enfatiza que o analista trabalha em melhores condições do que o arqueólogo, já que conta com a repetição das vivências infantis explicitadas na relação transferencial, material para o qual o arqueólogo não encontra equivalente.

Além disso, o autor destaca que muitas vezes o arqueólogo se depara com materiais totalmente destruídos e não possui indícios para a sua reconstrução. Já em relação ao objeto psíquico, Freud (1937, p. 369) duvida de “que qualquer formação psíquica realmente seja suscetível à destruição total”. Ele acrescenta que, no trabalho analítico, o objeto é *incomparavelmente* mais complexo do que o material com o qual o arqueólogo lida. Ademais, para ele, o nosso conhecimento ainda não está suficientemente desenvolvido para os enigmas íntimos que podemos encontrar.

Se as formações psíquicas, como Freud (1937) ressalta, não estão sujeitas à destruição total, isso nos faz ver que, mesmo ante uma vivência traumática compartilhada — termos nos quais estamos entendendo a pandemia —, por maior que tenha sido o caos provocado no interior do aparato psíquico, há um trabalho a ser realizado. O arrasamento das barreiras do psiquismo remete o sujeito a um estado de dependência. Dessa forma, o analista tem de reconstruir com seu analisando o que a pandemia destróçou.

Segundo Freud (1937), enquanto para os arqueólogos a reconstrução é o objetivo final, na análise ela é apenas um trabalho preliminar. Mas o termo “preliminar” não é usado aqui no sentido de uma etapa que tem de ser finalizada para que se avance para um próximo passo. No trabalho analítico, esse processo de construção se dá de for-

ma paulatina. O analista comunica uma porção de suas construções e, a partir dos efeitos produzidos no analisando, isto é, das suas associações, constrói mais um fragmento e assim sucessivamente.

Podemos, então, salientar que estamos vivendo um período que exige trabalho psíquico para criar narrativas e para encontrar novos arranjos internos. Na esteira da metáfora freudiana, sugerimos imaginar o nosso aparelho psíquico como uma casa. Enquanto alguns tiveram a sua morada inundada, provocando a desorganização de todo o espaço interno, arrombando portas, arrastando móveis, gerando desordem, outros, além disso, tiveram as paredes derrubadas e, conseqüentemente, o teto destruído. Poderíamos, aqui, estabelecer um paralelo segundo o qual os primeiros seriam aqueles que encontraram caminhos alternativos para dar conta do caos interior e os segundos seriam os que se sentem assolados, em sofrimento intenso, paralisados diante do cenário atual.

Como já mencionamos, os recursos do Eu construídos ao longo da vida são fundamentais para viabilizar que, na ocasião de uma inundação do aparelho, as paredes possam ser mantidas, garantindo, mesmo que de forma precária, a sustentação do teto. Reafirmamos aqui que, inclusive para aqueles que possuem um Eu com recursos mais elaborados, ante uma situação traumática compartilhada — no caso, a pandemia —, a presença de um outro mais experiente — o analista, como estamos defendendo neste trabalho — é essencial.

O Eu se constrói no encontro com o objeto: a mãe libidiniza o seu bebê ao atendê-lo em suas necessidades, proporcionando a vivência de satisfação. Retomemos, então, a questão sobre a função do analista neste contexto de pandemia: acreditamos que esse profissional tem o papel de promover a produção simbólica para abrandar a força da pulsão de morte. Já vimos que a criança inventa, por meio das brincadeiras, um modo de simbolizar o afastamento do outro. Na análise, o analisando, então adulto, associa livremente e relata suas fantasias e seus sonhos. Paulatinamente, no encontro com o analista, busca

palavras para nomear seu sofrimento, suas angústias, seus temores e suas incertezas, para que assim possa construir representações e reconstruir aquelas que foram abaladas pela vivência traumática.

7 SOBRE OS BASTIDORES DESTA ESCRITA

*“Pé na porta quando a chave já não serve,
pois o segredo ainda é para poucos.”*

(Luciane Slomka)

E agora? O que eu faço com a desordem que a pandemia provocou? Tal desordem advém da realidade externa, marcada pelo momento que estamos vivendo, mas inclui também uma desordem interna, caracterizada pela perda de referências muito importantes... Sou empurrada para dentro de casa, convocada a um novo arranjo de minha rotina. Na contramão do que dá um colorido especial à minha vida — encontros com amigos e familiares, reuniões de trabalho e de estudo, a clínica e o esporte —, impõe-se o isolamento.

Nesse novo cotidiano, senti, inicialmente, que as paredes da minha casa estavam se aproximando, diminuindo ainda mais o meu espaço. Na verdade, acho que essa sensação fazia alusão ao meu espaço interno, compactado por uma pressão que eu não conseguia nomear. Respiro, reflito. Preciso de fôlego para enfrentar essa nova situação. Preciso de paciência para encontrar uma bússola capaz de me orientar na busca de novos caminhos.

Gestar a escrita deste trabalho: um desafio! Como propor questões, como tecer considerações, como articular conceitos propostos por Freud em diferentes momentos de sua obra? Quanto trabalho psíquico! Como nos ensina Schopenhauer (2019, p. 19), porém, “não é possível alimentar os outros com restos não digeridos, mas só com o leite que se formou a partir do próprio sangue”. Ao deixar a caneta deslizar sobre a folha em branco, o que alterno com o teclar no com-

putador, vou encontrando palavras para dar corpo ao texto. Sigo meu impulso, deixo-me guiar por minhas associações. Encontro, assim, também uma maneira de dar vazão ao que está fervilhando dentro de mim, e o vermelho do sangue vai perdendo a sua tonalidade.

Sinto-me menos pressionada. Um novo fluxo começa a se estabelecer, amplia-se a minha capacidade respiratória e a habilidade de deixar flunar as ideias. Preciso, então, de tempo para metabolizar o que eu li, o que eu estudei, o que eu senti, o que eu pensei. Certo distanciamento temporal para, assim, autorizar-me a estabelecer ligações e encontrar um fio condutor, pois “apenas os pensamentos próprios são verdadeiros e têm vida” (SCHOPENHAUER, 2019, p. 37). Como encontrar vida em tempos tão insólitos, marcados pela morte? Onde está a chave para desvendar esse mistério? O processo de (trans)formação é árduo, doloroso e requer capacidade de enfrentamento para não me deixar cair na tentação de percorrer velhas trilhas conhecidas, atalhos que podem oferecer uma falsa ideia de solução, mas que, ao contrário, reduzem a complexidade da questão. Afinal, o que põe o aparelho psíquico a trabalhar é a análise, não a síntese.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1897). Carta 69. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 350-352. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1908). Escritores criativos e devaneio. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 147-158. (Edição standard brasileira, 9).

FREUD, S. (1917a). Conferências XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 397-417. (Edição standard brasileira, 16).

FREUD, S. (1917b). Conferências XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 419-439. (Edição standard brasileira, 16).

FREUD, S. (1919). A psicanálise e as neuroses de guerra. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 257-263. (Edição standard brasileira, 17).

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 13-85. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1922). Dois verbetes de enciclopédia. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 285-312. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1923). O eu e o id. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 13-83. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1926). Inibições, sintomas e angústia. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 95-201. (Edição standard brasileira, 20).

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. *In: FREUD, S. **Cultura, sociedade e religião: O mal estar na cultura e outros escritos***. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-410. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 95-201. (Edição standard brasileira, 22).

FREUD, S. (1937). Construções na análise. *In: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica***. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 365-381. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. (1940). Esboço de psicanálise. *In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud***. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 165-237. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 381-456. (Edição standard brasileira, 1).

HARARI, Y. N. **Notas sobre a pandemia**: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

The traumatic in the psychic apparatus in pandemic times

ABSTRACT

This work aims to think about the repercussions caused by the pandemic in the psychic apparatus based on Freud's work. This disruptive situation is a shared traumatic experience but individual experiences cannot be neglected. Following the author's thought at different moments in the construction of his theory, it is proposed to discuss how each individual deals with helplessness in pandemic times as well as what are the possible ways to face the situation. The study of the construction of the Self from primordial helplessness is based on the assumption that each subject will have to, from a specific and unique story, build better or worse resources of the Self. While some present themselves as protagonists, revealing more creativity and resources to deal with the adversities of life, others, with a more fragile Self and less able to face painful situations, feel paralyzed in the face of a traumatic experience. In this pandemic scenario, which lacks symbolic references to deal with the current situation with coherence, it is questioned who could be the agent of the specific action. The space of analysis is understood as a place of fundamental listening in which the subject can be accompanied by another more experienced person, who is present in the transformation process to mitigate the impact of the death trieb when it is precariously fused with the life trieb.

Keywords: Pandemic. Trauma. Helplessness. Specific action. Psychic apparatus.

Recebido em 12/07/2021

Aprovado em 04/10/2021